

Aberta a todas as correntes do pensamento, esta coleção integra autores modernos e textos fundamentais que vão da filosofia da linguagem à hermenêutica e à epistemologia.

BIBLIOTECA DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

1. *Mente, Cérebro e Ciência*, John Searle
2. *Teoria da Interpretação*, Paul Ricoeur
3. *Técnica e Ciência como Ideologia*, Jürgen Habermas
4. *Anotações sobre as Cores*, Ludwig Wittgenstein
5. *Totalidade e Infinito*, Emmanuel Levinas
6. *As Aventuras da Diferença*, Gianni Vattimo
7. *Ética e Infinito*, Emmanuel Levinas
8. *O Discurso da Ação*, Paul Ricoeur
9. *A Essência do Fundamento*, Martin Heidegger
10. *A Tensão Essencial*, Thomas Kühn
11. *Fichas (Zettel)*, Ludwig Wittgenstein
12. *A Origem da Obra de Arte*, Martin Heidegger
13. *Da Certeza*, Ludwig Wittgenstein
14. *A Mão e o Espírito*, Jean Brun
15. *Adeus à Razão*, Paul Feyerabend
16. *Transcendência e Inteligibilidade*, Emmanuel Levinas
18. *Ideologia e Utopia*, Paul Ricoeur
19. *O Livro Azul*, Ludwig Wittgenstein
20. *O Livro Castanho*, Ludwig Wittgenstein
21. *Que É Uma Coisa?*, Martin Heidegger
22. *Cultura e Valor*, Ludwig Wittgenstein
23. *A Voz e o Fenômeno*, Jacques Derrida
24. *O Conhecimento e o Problema Corpo-Mente*, Karl R. Popper
25. *A Crítica e a Convicção*, Paul Ricoeur
26. *História da Ciência e suas Reconstruções Racionais*, Imre Lakatos
27. *O Mito do Contexto*, Karl R. Popper
28. *Falsificação e Metodologia dos Programas de Investigação Científica*, Imre Lakatos
29. *O Fim da Idade Moderna*, Romano Guardini
30. *A Vida é Aprendizagem*, Karl R. Popper
31. *Elogio da Teoria*, Hans-Georg Gadamer
32. *Racionalidade e Comunicação*, Jürgen Habermas
33. *Palestras*, Maurice Merleau-Ponty
34. *Cadernos, 1914–1916*, Ludwig Wittgenstein
35. *A Filosofia no Século XX*, Remo Bodei
36. *Os Problemas da Filosofia*, Bertrand Russell
37. *Ética da Autenticidade*, Charles Taylor
38. *Bios. Biopolítica e Filosofia*, Roberto Esposito
39. *A Luta pelo Reconhecimento*, Axel Honneth
40. *Amor e Justiça*, Paul Ricoeur
41. *Vivo até à Morte* seguido de *Fragmentos*, Paul Ricoeur
42. *O Aberto. O Homem e o Animal*, Giorgio Agamben
43. *Temperamentos Filosóficos*, Peter Sloterdijk
44. *Deus, a Morte e o Tempo*, Emmanuel Levinas
45. *A Simbólica do Mal*, Paul Ricoeur
46. *A Arqueologia do Saber*, Michel Foucault
47. *Diálogo sobre a História e o Imaginário Social*, Paul Ricoeur e Cornelius Castoriadis
48. *Mobilização Total*, Maurizio Ferraris
49. *De Fora. Uma Filosofia para a Europa*, Roberto Esposito
50. *Os Mestres da Humanidade*, Karl Jaspers
51. *Conjeturas e Refutações*, Karl Jaspers
52. *O Que É o Conhecimento*, Tommaso Piazza
53. *O Homem Falível*, Paul Ricoeur
54. *Filosofia, Ética e Política*, Paul Ricoeur
55. *Sobre o Novo Radicalismo de Direita*, Theodor W. Adorno
56. *A Resistência Íntima*, Josep Maria Esquirol
57. *Porque não Sou Cristão*, Bertrand Russell
58. *Nos Cumes do Desespero*, Emil Cioran
59. *Sexo e o Absoluto Falhado*, Slavoj Žižek
60. *Metafísica da Verdadeira Felicidade*, Alain Badiou
61. *A Experiência Interior*, Georges Bataille
62. *Breviário de Decomposição*, Emil Cioran
63. *As Palavras e as Coisas*, Michel Foucault
64. *Os Anormais*, Michel Foucault
65. *Lágrimas e Santos*, Emil Cioran
66. *Para Uma Moral da Ambiguidade*, Simone de Beauvoir
67. *Kant e o Problema da Metafísica*, Martin Heidegger

A Penúltima Bondade

Título original:
La penúltima bondat by Josep Maria Esquirol Calaf

Copyright © 2018 by Josep Maria Esquirol Calaf
© 2018 by Quaderns Crema, S.A. (Acantilado, Barcelona)

Tradução:
Jorge Melícias

Revisão:
António Barrancos

Capa:
Edições Almedina

ISBN 978-972-44-2774-4

Depósito Legal n.º

Paginação:
MA

Impressão e acabamento:
???????

para
EDIÇÕES 70
Novembro 2023

Direitos reservados para todos os países de língua portuguesa por

EDIÇÕES 70, uma chancela de Edições Almedina, S.A.
Avenida Emídio Navarro, 81, 3D
3000-151 Coimbra
e-mail: editoras@grupoalmedina.net

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida,
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.
Qualquer transgressão à lei dos Direitos de Autor será passível
de procedimento judicial.

Josep Maria
Esquirol
A Penúltima
Bondade

TRADUÇÃO DE JORGE MELÍCIAS

70

I

Aqui, na periferia do paraíso impossível

Não fomos expulsos de nenhum paraíso. Sempre estivemos fora dele. Na verdade, e felizmente, aqui, *o paraíso é impossível*. A nossa condição é a de *periferia*. Uma periferia muito singular, porque não se encontra definida a partir de nenhum centro. Aqui, na periferia, a gênese e a degeneração, a vida e a morte, o humano e o desumano — porque só o humano pode ser desumano —, a proximidade e a indiferença.

Aqui, na periferia, viver é sentir-se vivendo.

Aqui, na periferia, não há nem plenitude nem perfeição. Mas sim afeção infinita — mistério — e desejo.

Aqui, na periferia, o mal é muito profundo, mas a bondade é ainda mais profunda.

Aqui, na periferia, o que mais importa não são os primórdios imemoriais, mas sim o chão, a base.

Aqui, na periferia, nada faz mais sentido do que o amparo e a generosidade.

Aqui, na periferia, é extremamente difícil movermo-nos meio palmo na direção certa. Esse meio palmo na direção da comunidade fraterna viva.

Aqui, na periferia, não nos limitamos a viver, somos também *capazes de vida*.

A condição humana é a de periferia do paraíso impossível.

No paraíso impossível havia todo o tipo de animais, exceto vacas.

Não o paraíso, mas a gênese

O paraíso terrestre   a imagem plástica que corresponde ao conceito de plenitude e de perfei o. Mas querer compreender o humano em termos de plenitude conduz a um beco sem saída. A *situa o* humana, a *condi o* humana, não se define com base em qualquer perda ou afastamento da plenitude paradis ica,  urea ou natural.

No entanto, na periferia, na *nossa* periferia, não   verdade que «há o que há, e isso   tudo». Tal sentença lapidar não descreve de todo esta comarca de que falamos, porquanto o que há de mais humano expressa-se decisivamente com a gera o e, em particular, com a gratuidade da gera o chamada *generosidade* ou *bondade*. Uma generosidade, a da periferia, que nunca vai de cima para baixo — porque ninguém está acima de ninguém —, mas sempre de um lado para o outro. Que existir seja, em parte, resistir, entende-se *tendo em vista* a gera o; resistimos porque a vulnerabilidade amparada   capaz de amadurecer, de criar e de dar. A resistência ótima  , ao mesmo tempo, amparo e esperança na gera o. Com raminhos de azevinho, os antigos horticultores protegiam a muda recém-transplantada para que pudesse resistir às intempéries. Também nós nos resguardamos, para resistir. E o horizonte da resistência são a cria o e a generosidade. Ainda que, na realidade, amparar os outros seja já o primeiríssimo exercício da generosidade.

E precisamente porque a gera o   aquilo que nos   mais próprio, o pior e o mais inquietante reside nas mil formas de *degenera o*. A *violência*   a principal, e o seu alcance   vastíssimo: vai desde os homicídios mais pavorosos e as humilha es mais brutais até às inúmeras modalidades, manifestas ou encobertas, da injustiça e da indiferença.

Mais do que averiguar os primórdios paradis icos, pensar a condi o humana exige que dirijamos a nossa aten o para a *base*, que nos voltemos para o mais fundamental. Porque a *gênese* não se encontra necessariamente no início de uma série: ela ocorre tanto no início como no fim, em qualquer lugar e em qualquer tempo. A gênese acontece sobretudo ali, onde a vida pessoal pulsa e circula com intensidade; ali, onde a vida se sente; ali, onde a vida se ilumina. A gênese acontece aqui. Mas, paradoxalmente, não   nada fácil acercarmo-nos deste aqui. Faz -lo constitui todo um

programa de esforço filosófico; um *método* filosófico, poder-se-ia dizer, literalmente, caminho da *ingenuidade*. Porque o significado elementar da palavra *ingenuidade* é precisamente este: *in-genuidade*, «perto da gênese», «em direção ao foco da gênese». É por isso que se diz que as crianças são «ingênuas», porque ainda estão próximas da gênese como nascimento. Entenda-se bem: não se trata de reivindicar um olhar supostamente infantil, virgem, ainda não adulterado, mas sim do afã de observar bem a base, o chão, o fundamento. A ingenuidade reivindicada não coincide nem com a banalidade nem com a pureza angélica. O olhar filosófico, o olhar atento e o olhar ingênuo tornam-se sinónimos.

Para nos aproximarmos da gênese, podemos prestar atenção ao que vivemos e ao que vemos — que vemos porque vivemos —, e podemos também valer-nos dos grandes símbolos — que são «grandes» porque foram forjados junto à base. Símbolos destacadíssimos são, por exemplo, os que aparecem nas tragédias de Sófocles ou nos primeiros capítulos do Génesis bíblico. Comentá-los é um exercício de ingenuidade. Como dizia Paul Ricœur, o símbolo dá que pensar; dá algo, e esse algo que dá é algo sobre o que pensar e que, ao mesmo tempo, se converte em vitamina do pensar. Há uma continuidade entre o símbolo e a descrição da paisagem humana; uma continuidade entre a interpretação do símbolo e a observação da vida. A literatura e a poesia são as maiores beneficiárias de tal continuidade. Neste livro, a referência ao simbólico servirá sobretudo para tratar do paraíso impossível, no âmbito do qual pode ser muito sugestivo referirmo-nos ao olhar perdido de Adão e ao enfadado gesto de Eva, que, depois de fazerem amor e de terem comido o fruto de um grená muito intenso, sentiram a inquietação de antecipar um amanhã muito igual a ontem.

Não apenas nunca existiu nenhum paraíso terrestre, nem virá a existir, como o imaginário que trabalha nesse sentido acaba sempre por se estilhaçar e dar azo ao oposto daquilo a que aspirava. Ao querer descrever-se a plenitude, produz-se o inóspito. Nem a perfeição nem a plenitude são deste mundo. É por isso que não existem nem primordiais idades de ouro nem utopias que se realizem no fim da história; nem paraísos perdidos nem avenidas de cidades felizes. Na melhor das hipóteses, essas referências não passam de recursos e mediações teóricas. A atenção deveria centrar-se na periferia, nas nossas periferias e na afeção

infinita que em nós as permeia, bem como em dedicar toda a nossa energia em deslocarmo-nos apenas meio palmo em direção à comunidade fraterna que vive.

A luz da periferia

O mundo não é uma caverna, embora existam cavernas escuras no mundo. A melhor luz do mundo — a melhor luz da periferia — é claridade e penumbra. Damo-nos bem com ambas, e celebramos ambas.

Nem o mundo é uma caverna nem nós somos os seus prisioneiros. Daí a conveniente precaução ante os esquemas ascensionais que descrevem a periferia como se fosse um recetáculo fechado do qual urgiria encontrar uma via de escape. Em *Le Dépeupleur*, de Samuel Beckett, temos um exemplo contemporâneo deste esquema: conta-se aí que os humanos vivem dentro de uma espécie de cilindro e que falham reiteradas tentativas de fuga. O gnosticismo, com as suas múltiplas variantes, foi o grande difusor de semelhante ideia. Cuidado, pois, com o isomorfismo, sem matizes, da luz, do conhecimento e da ascensão.

Demasiada luz ofusca, não nos convém. Claridade, sim; foco de luz branca, não. Demasiada luz engole tudo. O excesso de luz engole tudo, tal como a escuridão. Há muito pouca diferença entre o branco e o preto. Ambos os domínios são insuportáveis: fugimos tanto do negrume compacto como da intensidade de um relâmpago. A nossa capacidade de ver e de viver reclama uma claridade como a do meio da tarde ou uma penumbra como a do crepúsculo. Saudamos a claridade *intermédia*, assim como a tibia luz que acaricia a superfície do mundo. Com o esquema ascensional, o céu é frequentemente imaginado como um caudaloso manancial de luz branca. Mas, se houver um novo céu, ele deverá ter uma luz semelhante à dos nossos dias. É claro que não se trata apenas de luz para os olhos: há uma claridade dos sons, especialmente das palavras. Daí que haja palavras *claras*, mesmo *luminosas*; palavras que ilustram, que orientam e, admiravelmente, que ensinam; palavras que, enquanto perfeitamente *genuínas*, distam o mesmo do estrondo e do abafado ruído de fundo.

Quando a luz intermédia se converte em calor, aparecem então palavras *cálidas*, *sentidas*, reveladoras de que a essência da